

## Eva Sopher: a “doce fera”

Eva Sopher tornou-se conhecida no Brasil ao reerguer o Teatro São Pedro, construído nos anos de 1850 a 1858, em Porto Alegre. Na mesma cidade, ela fundou o Multipalco, maior complexo cultural da América Latina. Por ocasião de seu 85º aniversário, *Tópicos* apresenta um perfil dessa mulher fantástica, nascida em Frankfurt e que emigrou para o Brasil fugindo do nazismo.

TEXTO: ANTONIO HOHLFELDT\*

**E**va Sopher é daquelas pessoas que provocam reação imediata: ou se gosta dela ou não se gosta dela. Já a chamei, anos atrás, quando escrevi um livro a seu respeito, de “doce fera”. É uma pessoa profundamente simpática, de sorriso aberto e à flor do rosto. Mas é uma profissional profundamente imbuída de suas responsabilidades, para quem a questão da ética se coloca sempre acima de tudo, radicalmente disciplinada, e que cobra permanentemente de todos os que trabalham a seu redor, prazos e ações anteriormente fixados.

A história de Eva Sopher não pode ser resumida em algumas poucas frases. Mas a premência do espaço nos obriga a isso: ela nasceu na Alemanha, em plena Frankfurt-am-Main, em 1923, mas se viu obrigada a emigrar com a família, durante o nazismo. Instalada no Brasil, iniciou cedo atividades vinculadas à arte. Ligou-se à Pro Arte de Theodor Heuberger, no Rio de Janeiro e em seguida na cidade serrana de Teresópolis (1939). Alguns poucos anos mais tarde, já casada com Wolfgang Klaus Sopher (1943), ele também um refugiado, muda-se para São Paulo, onde viriam a nascer as duas filhas.

Wolf recebe convite da empresa Zivi-Hércules para assumir a direção da empresa em Porto Alegre. Na capital gaúcha, Eva Sopher desdobraria definitivamente sua vida (1960).

Reativou, a pedido de Heuberger, a Pro Arte de Porto Alegre. A partir daquele mesmo ano de 1960, a nova

entidade promoveria concertos, espetáculos de teatro e apresentações de grandes orquestras ao longo de mais de duas décadas. Eva Sopher pautou sua liderança na Pro Arte por algumas preocupações altamente saudáveis: a) a aproximação entre artistas brasileiros e estrangeiros b) a facilitação de acesso aos espetáculos para os jovens c) a qualificação dos instrumentos musicais a serem colocados à disposição dos artistas visitantes, de onde uma de suas mais emocionantes campanhas, a aquisição de um piano para a Pro Arte, que ficou, durante alguns anos, instalado no velho Teatro São Pedro, mas quando este começou a sofrer sua remodelação foi trasladado para o auditório de Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Eva Sopher tinha uma rotina de vida bastante definida. Pela metade do ano, ela e o marido começavam a planejar as férias de verão. Em geral, uma viagem à Europa. Mais que turismo, contudo, era a oportunidade de Eva Sopher fazer contatos com os artistas que mais tarde traria a Porto Alegre. Não se tratava apenas de uma relação comercial: o contrato de um artista para um recital. Eva tinha a preocupação de aproximar o convidado da cultura brasileira e porto-alegrense. Para isso, tornaram-se tradicionais e disputadíssimas as recepções que ela e o marido davam em sua casa, na Avenida Carlos Gomes, após os concertos. Era ali que as conversas se aprofundavam, e, em meio aos comentários sobre o espetáculo recém-findo, surgiam novas idéias e novos convites. Enfim,

estabelecia-se uma parceria. Mais, uma cumplicidade. Numa época em que a moeda brasileira tinha pouco valor na cotação do mercado estrangeiro, Eva Sopher precisava ganhar a simpatia do artista para que o cachê saísse mais barato e ela assim pudesse trazer novamente o convidado ao público de sua cidade.

São inúmeros os nomes de referência internacional que incluíram Porto Alegre em suas agendas graças a Eva Sopher: Jean Pierre Rampal, por exemplo, Pierre Fournier, Narciso Yepes, Mauricio Kagel, os integrantes do I Musici, o Quarteto de Cordas de Tóquio, a Orquestra de Câmara de Jean François Paillard, a violinista Nobuko Imai, a Hallé Orchestra – sob a direção de Sir John Barbirolli – a Orquestra de Câmara de Moscou, e assim por diante.

Nenhum espetáculo, contudo, provocou tanta expectativa quanto a Orquestra Sinfônica de Israel que, em todos os sentidos, exigiu verdadeira estratégia de guerra para o seu deslocamento, a sua segurança e, claro, a sua instalação. Não era só a questão da infra-estrutura hoteleira: era o lugar de ensaio e até mesmo o local do concerto. Precisava ser o maior possível, para baratear o ingresso. Mas precisava garantir a qualidade de interpretação. Foi escolhido o Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na época, eu estava vinculado à Pro Arte, enquanto jornalista, e lembro bem da tensão nas primeiras horas da noite, quando, no saguão, aguardávamos a chegada das primeiras pessoas. Os ingressos

\* Jornalista e professor universitário.



todos vendidos. Uma fila de jovens, de curiosos e de interessados, que não haviam conseguido lugar, aguardavam uma oportunidade de poder conhecer os intérpretes do oriente.

Quando o maestro Zubvin Mehta subiu ao palco, bateu com a batuta de maestro sobre a mesa de trabalho e iniciou o concerto, foi um frisson. que se transformou em consagração ao final do

concerto. Talvez o desafio mais difícil de toda a sua vida à frente da pro Arte de Porto Alegre havia sido vencido.

O trabalho de Eva Sopher à frente da Pro Arte procurou equilibrar o convite a artistas estrangeiros consagrados com a valorização dos grandes intérpretes brasileiros. Mais que isso, Eva sempre priorizou a possibilidade de lançamento de um jovem artista. Ela não tinha medo de apostar numa revelação. Claro que, para isso, valia sua sensibilidade estética – ela mesma fora escultora – e uma boa consulta às páginas de jornais e aos registros da crônica especializada. Essa era outra parte de sua agenda. Um pouco antes de sair em viagem de férias, ao final do ano, e nas semanas imediatamente após seu retorno, ela examinava programas, críticas e material promocional dos artistas. Com a agenda já preenchida pelos artistas internacionais, que era preciso contatar pelo menos com um ano de antecedência, ela completava sua temporada de cada ano com convidados nacionais.

Depois, foi o convite do governador Guazelli, através do diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Estado da Educação, Paulo Amorim.

Eva Sopher tornava-se diretora do Theatro São Pedro. Sua tarefa, quase impossível num país sem dinheiro

para a cultura: reconstruir – mais que reformar – o Teatro São Pedro.

Obstinada, ela enfrentou tudo e todos. Buscou tostão a tostão. Refez o velho prédio de 1858, não com suas mãos, mas com as mãos de centenas de operários, dinheiro trazido de todos os cantos onde pudesse arranjarlo. A obra foi concluída em 1984 e reinaugurada. Começou, então, a luta para a sua configuração jurídico-institucional. Ainda aqui, Eva foi radical, e ganhou: o teatro tornou-se uma fundação. E agora, vamos aos apoios fundamentais para a continuidade das atividades: Eva Sopher idealizou uma Associação de Amigos. Os maiores empresários do estado foram convocados a dar sua contribuição, e assim tem sido ao longo de todos esses anos, porque Eva Sopher, por incrível que pareça – entra novo governador, sai velho governador – continua a diretora do Theatro São Pedro.

Considerado o teatro mais bem conservado do país, o Theatro São Pedro tem a marca de Eva Sopher. Cada poltrona eventualmente rasgada, cada lâmpada eventualmente queimada – tudo é observado, anotado e recuperado pela equipe. Parte dessa equipe é formada por funcionários do estado. Outra parte é contratada graças à Associação de Amigos, que mantém inclusive programas de concertos populares, uma orquestra jovem para formação de novos músicos e ainda permite que uma série de campanhas e atividades voltadas para a cultura ali se desenvolvam.

Eva Sopher recebeu comendas estrangeiras, homenagens nacionais, mas certamente a que mais a emocionou foi tornar-se Cidadã Honorária de Porto Alegre. Ninguém mais que ela merecia esse título. O que ela deu à cidade, o que trouxe ao país, o que ela contribuiu para a aproximação entre as diferentes nações e culturas, especialmente a sua querida Alemanha de origem, e o Brasil, nenhuma diplomacia o fez no mundo.

A ela, pois, a homenagem reconhecida de todos. Ela merece. ■